

## Jack London

# O apelo da selva

### *Rumo ao primitivo*

*Erguem-se velhos anseios nômades, contra a corrente do hábito;  
De novo, do seu sono brumoso, desperta a estirpe ferina.*

*Buck* não lia os jornais, por isso não sabia que iriam surgir problemas, não só para si próprio como para todos os cães de grande porte, com músculos poderosos e pêlo longo e quente, de Puget Sound a San Diego. E isso porque os homens, tateando na escuridão ártica, tinham encontrado um metal amarelo e, tendo em vista o enorme valor atribuído à descoberta pelas companhias de navegação e transportes, precipitavam-se aos milhares para as terras do Norte. Esses homens queriam cães, cães possantes, com músculos fortes para o trabalho e pêlo espesso que os protegesse do gelo.

*Buck* vivia numa casa no ensolarado vale de Santa Clara. Chamavam-lhe Casa do Juiz Miller. Estava afastada da estrada, semi-escondida entre as árvores, através das quais se podia entrever a grande varanda fresca que corria a toda a volta da construção. O acesso fazia-se por caminhos de cascalho que serpenteavam ao longo de vastos relvados e sob os ramos entrelaçados de grandes choupos. Os fundos eram ainda mais espaçosos que a frente. Aí ficavam os grandes estábulos, onde imperava a algazarra de uma dúzia de moços de cavaliça e mais rapazes, filas de casas de criados forradas de trepadeiras, um infundável e ordenado conjunto de anexos, extensas vinhas, pastagens verdes, pomares, plantações de grão. Mais adiante perfilavam-se as instalações da bomba para o poço artesiano e o grande tanque de cimento onde os filhos do juiz Miller davam o seu mergulho matinal e encontravam frescura no calor da tarde.

Eram esses os domínios de *Buck*. Ali tinha nascido e vivido os quatro anos da sua vida. Era verdade que havia outros cães - tinha de haver outros cães, numa propriedade tão vasta -, mas esses não contavam.

lam e vinham, residiam nos populosos canis ou levavam vidas obscuras nos recessos da casa, tal como *Toots*, o cãozinho japonês, e *Ysabel*, a cadela mexicana sem pêlo, criaturas estranhas que raramente punham o nariz fora das portas ou os pés no campo e que, protegidas por uma legião de criadas armadas de vassouras e esfregões, espreitavam pelas janelas a boa vintena de *fox terriers* que lhes ladrava terríveis ameaças.

*Buck* não era cão de casa nem de canil, todo o território lhe pertencia. Mergulhava no tanque e caçava com os filhos do juiz, acompanhava Mollie e Alice, as filhas, em longos passeios ao crepúsculo e de manhãzinha, nas noites de Inverno deitava-se aos pés do juiz, diante da lareira crepitante da biblioteca, levava os netos do juiz às costas, brincava com eles na relva e guardava-os nas suas perigosas aventuras até à fonte, no pátio dos estábulos e mais longe ainda, até junto das cercas dos cavalos e das plantações de grão. Caminhava imperiosamente entre os *terriers* e, quanto a *Toots* e *Ysabel*, procedia como se não existissem, porque era rei - rei sobre todas as coisas rastejantes, trepadoras, voadoras na Casa do Juiz Miller, incluindo as pessoas.

O seu pai, Elmo, um enorme São Bernardo, tinha sido o companheiro inseparável do juiz e *Buck* prometia seguir-lhe as pegadas. Não era tão grande - só pesava 63 kg - porque a sua mãe, *Shep*, era uma cadela pastor-escocês. No entanto, 63 kg, acrescidos da dignidade que advém de uma vida farta e do respeito geral, permitiam-lhe manter um porte verdadeiramente real.

Gozava desde cachorro a vida de um aristocrata saciado, era orgulhoso, mesmo um pouco egoísta, como acontece a certos senhores rurais devido à sua posição quase insular. Mas soubera preservar-se, não se transformando num mero cão mimado. A caça e o gosto pelo ar livre tinham-no mantido esbelto e enrijecido os seus músculos, o amor pela água, próprio da sua raça, agira como tônico e conservara-lhe a saúde.

Assim era *Buck* no Outono de 1897, quando a descoberta do Klondike arrastou homens de todo o mundo para o Norte gelado. Mas *Buck* não lia os jornais nem sabia que Manuel, um dos ajudantes de jardineiro, era um conhecimento indesejável. Manuel tinha um grande defeito: adorava jogar loteria chinesa. No seu jogo tinha uma grande fraqueza: fé em um sistema e isso representava ruína certa, porque jogar com um sistema exige dinheiro e o salário de um ajudante de jardineiro não ultrapassa as necessidades de uma mulher e de numerosa prole.

O juiz estava numa reunião da Associação de Cultivadores de Uvas Passas e os rapazes ocupados em organizar um clube

desportivo na noite memorável da traição de Manuel. Ninguém o viu sair com *Buck* pelo pomar, no que este imaginava ser um simples passeio. E ninguém, a não ser um homem solitário, os viu chegar à pequena estação conhecida por College Park. Esse homem conversou com Manuel e passou-lhe dinheiro para as mãos.

- Podia embrulhar a mercadoria antes de entrega-la - disse o estranho com rudeza, e Manuel atou uma grossa corda ao pescoço de *Buck* por baixo da coleira.

- É só rodá-la que o esgana à vontade - anunciou, e o estranho grunhiu uma pronta aprovação.

*Buck* aceitara a corda com uma dignidade tranqüila. Embora aquele fosse um ato inusitado, ele tinha aprendido a confiar nas pessoas da casa e a reconhecer-lhes uma sabedoria superior à sua. No entanto, quando as pontas da corda foram colocadas nas mãos do estranho, rosnou ameaçadoramente. Manifestava o seu descontentamento, convencido, no seu orgulho, de que exprimir um desejo era mandar. Para sua grande surpresa, a corda estreitou-se no seu pescoço, sufocando-o. Tomado de cólera, lançou-se sobre o homem mas este antecipou-se, agarrou-o com firmeza pela garganta e arremessou-o de costas com um empurrão. Então, a corda apertou sem piedade e *Buck* lutou com fúria, a língua pendendo-lhe da boca e o peito largo arquejando em vão. Nunca na sua vida tinha sido tão maltratado e nunca na sua vida tinha estado tão zangado. Mas as forças faltaram-lhe, os olhos ficaram vidrados e já tinha perdido os sentidos quando o trem arrancou e os dois homens o atiraram para dentro de um furgão. Ao voltar a si, sentia a língua dolorida e compreendeu que estava sendo levado aos solavancos num veículo desconhecido. O silvo rouco de uma locomotiva num cruzamento revelou-lhe onde estava. Tinha viajado muitas vezes com o juiz para não conhecer a sensação de ser transportado num furgão. Abriu os olhos e neles faiscou a ira incontida de um rei raptado.

O homem quis agarrar-lhe a garganta, mas *Buck* foi mais rápido: cravou os dentes na mão que o atacava e não abrandou até que a falta de ar o fez perder de novo os sentidos.

- Sim, tem ataques - disse o homem, escondendo a mão ferida do bagageiro, que fora atraído pelo barulho da luta. - O patrão mandou-me levá-lo a Frisco. Há um médico de cães lá que diz que pode curá-lo.

Mais tarde, num barracão nos fundos de uma taberna do porto de S. Francisco, o homem lançou-se num eloqüente panegírico de si mesmo.

- Só recebo cinqüenta por isto - resmungou - e não voltaria a fazê-lo por mil, dinheiro contado.

Tinha a mão embrulhada em um lenço ensangüentado e as calças estavam rasgadas na perna direita, do joelho ao tornozelo.

- Quanto é que o outro cara recebeu? - quis saber o taberneiro.

- Cem - foi a resposta. - Não aceitou um tostão menos, juro por Deus.

- Isso faz cento e cinqüenta - declarou o taberneiro - e ele os vale, ou eu sou um idiota.

O raptor desembulhou o lenço ensangüentado e olhou para a mão lacerada:

- Se eu não ficar com raiva...

... será porque nasceu para a forca - troçou o taberneiro, acrescentando: - Vá, me ajude antes de ir receber.

Aturdido, sofrendo dores insuportáveis na garganta e na língua, semimorto por estrangulamento, Buck tentou enfrentar os seus algozes. Mas foi derrubado e esganado repetidas vezes, até eles conseguirem cortar a pesada coleira de latão que trazia no pescoço. A corda foi então retirada e *Buck* metido numa espécie de jaula.

Ali ficou o resto da noite, com a sua cólera e o seu orgulho ferido. Não conseguia compreender o que lhe acontecia. O que queriam dele aqueles homens estranhos? Porque o manteriam encolhido naquela grade apertada? Oprimia-o um pressentimento de desgraça iminente. Diversas vezes durante a noite se levantou de um salto, ao ouvir abrir-se a porta do barracão, na esperança de ver o juiz ou pelo menos os rapazes. Mas era apenas o rosto redondo do taberneiro, que o espreitava à luz doentia de uma vela de sebo e o latido alegre que tremia na garganta de *Buck* transformava-se num rosnado selvagem.

Contudo, o taberneiro deixou-o em paz e, pela manhã, quatro homens entraram e pegaram a grade. Mais algozes, concluiu *Buck*, vendo que eram criaturas de aspeto maldoso, andrajosos e desleixados, enfureceu-se e arremeteu contra eles através das grades. Eles riam e atiçavam-no com paus, que ele de pronto estraçalhava até que compreendeu não estar senão fazendo o que eles queriam. Deitou-se então com solenidade e consentiu que a grade fosse levada para uma carroça. Aí principiou, para si e para a grade na qual estava aprisionado, uma passagem de mão em mão. Mensageiros especiais encarregaram-se dele: foi levado em outra carroça; transportado para um vapor juntamente com um sortido de

caixas e pacotes, levado do vapor para um grande armazém ferroviário e, finalmente, depositado num vagão expresso.

O vagão arrastou-se dois dias e duas noites, atrelado a locomotivas estridentes e todo esse tempo *Buck* não comeu nem bebeu. Na sua fúria, tinha reagido, rosnando, aos primeiros gestos dos mensageiros especiais e eles haviam retaliado provocando-o. Quando se atirava contra as grades, tremendo e espumando, os homens riam, escarneciam-no. Rosnavam e ladravam como cães odiosos, miavam, batiam os braços e grasnavam. A consciência que tinha de que tudo aquilo era absurdo tornava mais grave ainda o ultraje feito à sua dignidade e a sua raiva não parava *de crescer*. Não se importava muito com a fome, mas a falta de água causava-lhe um sofrimento atroz e levava-o a uma fúria febril. Sendo, como era, emotivo e muito sensível, os maus tratos tinham-lhe provocado febre, a qual era agravada pela inflamação da garganta e língua, secas e inchadas.

Uma coisa o alegrava, já não tinha a corda ao pescoço. Isso dera uma vantagem injusta aos seus inimigos, mas agora, liberto, iria enfrentá-los. Nunca mais lhe atariam outra corda. Era ponto acertado. Por dois dias e duas noites não comeu nem bebeu e durante esses dois dias e noites de tormento acumulou um fundo de cólera que não augurava nada de bom à primeira pessoa que o incomodasse. Os seus olhos injetaram-se de sangue e *Buck* transformou-se num demônio enfurecido. Estava tão mudado que nem o próprio juiz o reconheceria e os mensageiros especiais respiraram de alívio quando o descarregaram do trem em Seattle.

Quatro homens transportaram cautelosamente a grade para um pátio pequeno, rodeado por muros altos. Um homem entroncado, envergando uma camisa vermelha que lhe pendia solta à volta do pescoço, saiu e assinou o registro de entrega. Intuindo que aquele homem seria o seu próximo algoz, *Buck* atirou-se selvagememente contra as grades. O homem torceu os lábios num sorriso ameaçador e foi buscar uma machadinha e um bastão.

- Não vai soltá-lo agora? - perguntou o condutor.

- Claro - replicou o homem, principiando a quebrar a grade com a machadinha.

Houve uma debandada imediata dos quatro carregadores, que, empoleirados a salvo no topo de um muro, se dispuseram a assistir ao espetáculo.

*Buck* precipitou-se para a madeira estilhaçada, mordendo, puxando, lutando com ela. Onde a machadinha caísse no exterior, estava ele no interior, mostrando os dentes e rosnando, tão

furiosamente ansioso por sair como o homem de camisa vermelha determinado em fazê-lo sair.

- Agora, seu demônio de olhos vermelhos! - exclamou o homem quando alargou uma abertura suficiente para dar passagem ao corpo de *Buck*. Ao mesmo tempo, largou a machadinha e passou o bastão para a mão direita.

*Buck* era na verdade um demônio de olhos vermelhos ao preparar o salto, com o pêlo eriçado, a boca espumando e um brilho enlouquecido nos olhos injetados de sangue. Atirou-se direto ao homem, os seus 63 kg de fúria multiplicados pelo desespero reprimido de dois dias e noites. Estava em pleno vôo, as mandíbulas prontas a cerrar-se sobre o seu adversário, quando recebeu uma pancada que o suspendeu no ar. Os dentes bateram uns contra os outros com um estalo agonizante, o corpo rodopiou e estatelou-se de costas no solo. Nunca antes fora atingido por um bastão e não o compreendia. Com um rosnado, quase grito, pôs-se de novo em pé e lançou-se sobre o homem. E outra vez a pancada o arremessou ao chão. Agora sabia que era o bastão, mas a sua loucura não conhecia prudência. Doze vezes avançou e doze vezes o bastão quebrou a carga e o derrubou.

Após um golpe particularmente violento ergueu-se com dificuldade, muito aturcido para atacar. Cambaleou, fios de sangue escorriam-lhe do nariz, boca e orelhas, o seu belo pêlo estava manchado de espuma sanguinolenta. O homem avançou então e, deliberadamente, vibrou-lhe um golpe brutal no nariz. Toda a dor que já tinha suportado nada era, comparada com esta extrema agressão. Com um rugido quase leonino na sua ferocidade, atirou-se de novo ao seu algoz. Mas este, passando o bastão para a mão esquerda, agarrou-o friamente pelo maxilar inferior, torcendo para baixo e para trás. *Buck* descreveu um círculo a meio no ar e aterrou sobre a cabeça e o peito.

Foi a sua última carga. O homem vibrara o golpe fatal, que retivera propositadamente durante tanto tempo, e *Buck* levantou-se para logo tombar, num desmaio total.

- Não é nada ruim domando cães, não senhor - gritou um dos homens, entusiasmado, do alto do muro.

- Bichos destes, come-os o Druther todos os dias no café da manhã - replicou o condutor, enquanto subia para a carroça e incitava os cavalos.

Entretanto, *Buck* recuperava os sentidos, mas não as forças. Estava estendido no lugar onde caíra e daí observava o homem de camisa vermelha.

- Atende pelo nome de *Buck* - dizia o homem para si mesmo, citando a carta com que o taberneiro anunciara o envio da grade e seu conteúdo.

- Bem, *Buck*, meu rapaz - prosseguiu numa voz jovial -, tivemos o nosso confrontozinho e o melhor a fazer é pararmos por aqui. Aprendeu qual é o teu lugar e eu conheço o meu. Seja um bom cão e tudo vai correr bem, sem problemas. Porte-se mal e eu dou-lhe uma surra das antigas. Entendeu?

Ao falar, acariciava sem medo a cabeça que tão sem piedade surrara e, embora o seu pêlo se eriçasse sob o toque, *Buck* suportou as carícias sem protestar. Quando homem lhe trouxe água, bebeu-a com vontade e, mais tarde, comeu uma generosa refeição de carne crua, pedaço a pedaço, da mão do homem.

Fora derrotado (sabia disso), mas não quebrara. Tinha compreendido, de uma vez por todas, que não podia vencer um homem armado com um bastão. Tinha aprendido a lição e a recordaria pelo resto da vida. Aquele bastão fora uma revelação. Era a sua iniciação no universo da lei primitiva e *Buck* era um bom aprendiz. A vida adquiria uma nova ferocidade que, sendo enfrentada sem medo, despertava a astúcia latente na sua natureza. Com o correr dos dias, outros cães foram chegando, em grades ou na ponta de cordas, uns dóceis, outros rugindo enfurecidos como ele chegara. E, um após outro, todos passaram pelo domínio do homem de camisa vermelha. A cada repetição desse espetáculo brutal, a lição ganhava corpo em *Buck*: um homem com um bastão era lei, um senhor a quem não se podia recusar obediência, embora não fosse necessário dedicar-lhe amizade. *Buck* nunca cedeu a tal baixeza, apesar de ter visto cães espancados que bajulavam o homem, abanavam as caudas e lhe lambiam a mão. Viu também um cão, que não se dispunha a obedecer nem a cativar o homem, ser morto na luta impiedosa pelo poder.

De vez em quando chegavam estranhos que se dirigiam ao homem de camisa vermelha com excitação, de modo lisonjeiro, em toda a espécie de tons. Nas ocasiões em que trocavam dinheiro, os estranhos levavam um ou mais cães consigo. Vendo que estes nunca regressavam, *Buck* interrogava-se onde iriam e sentia um medo crescente do futuro que o deixava contente por não ser escolhido.

No entanto, a sua vez acabou por chegar, na forma de um homenzinho seco de carnes, de pele curtida, que cuspiam um inglês mascavado e soltava exclamações estranhas e pedantes, que *Buck* não compreendia.

- *Sacredam!* - exclamou o homem, quando deu com os olhos em *Buck*. - Aquele é que é um cão valente! Quanto custa?

- Trezentos e é de graça - foi a resposta pronta do homem de camisa vermelha. - E como é o Governo que paga, não tem nenhum susto, hein, Perrault?

Perrault sorriu. Sabendo que a procura descontrolada fizera subir em flecha o preço dos cães, a soma pedida por um animal com tão boa aparência não lhe parecia excessiva. O Governo canadense não ficaria perderia e as suas mensagens não seguiriam mais devagar por isso. Perrault era um conhecedor e ao olhar para *Buck* achou que um cão como aquele haveria um em mil.

- Um em dez mil - comentou mentalmente.

*Buck* viu dinheiro nas mãos dos dois homens e não ficou surpreso quando ele e *Curly*, uma terra-nova com bom feitio, foram levados pelo homenzinho de pele curtida. Não voltaria a ver o homem de camisa vermelha e, quando ficou com *Curly* no convés do *Narwhal*, com Seattle a afastar-se, estava vendo as terras quentes do Sul pela última vez. Os dois cães foram depois levados para baixo por Perrault e entregues a um gigante de rosto negro chamado François. Perrault era canadense francês e moreno, François canadense francês mestiço, duas vezes mais moreno. Representavam um tipo de homem que era novo para *Buck*, mas que o destino viria a pôr diversas vezes no seu caminho e, embora nunca se tivesse afeiçoado a eles, *Buck* veio a dedicar-lhes verdadeiro respeito. Depressa concluiu que Perrault e François eram homens justos, calmos e imparciais na administração de justiça, demasiado conhecedores dos hábitos dos cães para se deixarem enganar por eles.

No *Narwhal*, *Buck* e *Curly* juntaram-se a dois outros cães. Um deles era um grande cão de Spitzbergen, branco como a neve, que fora trazido pelo capitão de um baleeiro e acompanhara uma expedição geográfica às Barrens. Era amigável, mas traiçoeiro, capaz de sorrir enquanto lograva os companheiros, o que fez logo na primeira refeição, roubando a comida de *Buck*. Este saltou para castigá-lo, mas o chicote de François antecipou-se, estalando sobre o culpado, e *Buck* teve de se contentar com recuperar o osso. Concluiu que François procedera com justiça e assim principiou a ascensão do mestiço na sua consideração.

O outro cão não fazia, nem aceitava, qualquer tentativa de aproximação, como também não fazia qualquer esforço para roubar os recém-chegados. Era um bicho sombrio e taciturno, que logo mostrou a *Curly* que não desejava senão que o deixassem em paz e que muito se aborreceria caso fosse incomodado. Chamava-se



Dave, comia e dormia, bocejava de quando em vez e não demonstrava interesse por coisa alguma. Mesmo quando, ao atravessar o estreito da Rainha Carlota, o *Narwhal* rolou, balançou, cabriolou como possesso, enquanto Buck e *Curly*, presos de uma excitação crescente, ficavam meio loucos de medo *Dave* apenas levantou a cabeça, enfasiado, lançou-lhes um olhar indiferente, bocejou e adormeceu de novo.

Dia e noite o navio vibrava à infatigável cadência da hélice e, embora cada dia fosse muito semelhante ao anterior, era evidente para Buck que o clima ia esfriando sem cessar. Por fim, uma manhã a hélice ficou silenciosa e uma atmosfera de excitação perpassou pelo *Narwhal*. Ele sentiu-a, tal como os outros cães, e soube que se avizinhava uma mudança. François colocou-lhes as trelas e levou-os para o convés. Ao primeiro passo sobre a superfície fria, as patas de Buck afundaram-se numa coisa branca e macia, muito semelhante a lama. Buck recuou, rosnando. Havia mais daquela coisa branca caindo do ar. Sacudiu-se, mas a coisa voltou a cair sobre o seu corpo, Cheirou-a, com curiosidade, depois recolheu um bocadinho com a língua. Aquilo mordía como o fogo e num instante desapareceu. Ficou perturbado. Provou de novo, com os mesmos resultados. As pessoas à sua volta riam ruidosamente e ele sentiu vergonha sem saber por quê. Era a sua primeira neve.

## Bastão e presas

*Buck* viveu como um pesadelo o primeiro dia na praia de Dyea. As horas sucediam-se prenhes de choque e surpresa. Fora arrancado do cerne da civilização para ser lançado no mais primitivo dos mundos. Esta já não era uma vida de lazer, passada preguiçosamente e entediando-se sob um sol risonho. Aqui não havia paz, nem descanso, nem um só momento de tranqüilidade. Tudo era ação e confusão, cada instante punha a vida e a integridade em risco. Era imperioso permanecer alerta, porque homens ou cães, aqui, em nada se assemelhavam a homens ou cães das cidades. Eram selvagens, todos eles e não conheciam lei que não fosse a do bastão e das presas.

Nunca vira um cão lutar como estas criaturas ferozes lutavam e a sua primeira experiência serviu-lhe de inesquecível lição. Em verdade, tratou-se de uma experiência indireta, caso contrário ele não teria vivido para aproveitá-la. Foi *Curly* a vítima. Estavam parados junto ao armazém e ela, com a sua amigável maneira de ser, procurou entabular relações com um *husky*, que,

sendo embora do tamanho de um lobo adulto, não atingia sequer metade do volume dela. Não houve qualquer aviso: apenas um salto fulminante, um bater metálico de dentes, um recuo igualmente veloz e o focinho de *Curly* estava rasgado do olho à mandíbula.

Era o modo de lutar dos lobos, ferindo e recuando, mas havia mais: trinta ou quarenta *huskies* correram para o local, fechando os contendores num círculo silencioso e atento. *Buck* não compreendia aquele silêncio tenso, o modo impaciente como lambiam os beiços. *Curly* carregou sobre o seu antagonista, que mais uma vez a feriu e saltou para o lado. O ataque seguinte foi rechaçado por ele com o peito, de forma a fazê-la cair. Não mais se levantou. Era o que os outros *huskies* esperavam. Cerraram o círculo, rosnando e uivando, e ela foi submergida, latindo de agonia, pela massa hirsuta de corpos.

Foi tudo tão repentino e inesperado que *Buck* ficou paralisado de surpresa. Viu a língua escarlate de Spitz mover-se em ar de riso e viu François, brandindo um machado, saltar para o emaranhado de cães. Três homens com bastões foram em seu auxílio. Foram rápidos: dois minutos após a queda de *Curly*, o último dos seus antagonistas era afastado à bastonada. Mas ela estava estendida, flácida e sem vida, o corpo despedaçado sobre a neve espezinhada e ensangüentada, enquanto o mestiço, de pé diante dela, praguejava horrivelmente. *Buck* iria reviver aquela cena em sonhos pelo resto da vida. Portanto, era assim. Não havia regras. Cair era morrer. Pois bem, ele trataria de nunca cair. Spitz voltou a deslizar a língua, rindo, e, a partir desse momento, *Buck* votou-lhe o mais profundo e amargo dos ódios.

Ainda não tinha se recuperado do choque causado pela trágica morte de *Curly*, já um novo choque o esperava. François fixava um conjunto de correias e fivelas à sua volta. Eram arreios, semelhantes aos que ele via colocar nos cavalos, em casa. E, tal como os cavalos trabalhavam, era agora a sua vez de trabalhar, puxando François num trenó em direção à floresta que bordejava o vale e regressando com uma carga de lenha. Embora se sentisse profundamente ferido na sua dignidade ao ver-se transformado em animal de tiro, era muito sensato para se rebelar. Empenhou-se em fazer o seu melhor, apesar de tudo lhe parecer tão novo e estranho. François era firme, exigindo obediência imediata e obtendo-a com o chicote, por seu lado Dave, que era um experiente cão de varais, mordida-lhe os quartos traseiros sempre que ele se enganava. Spitz, não menos experimentado, ocupava o posto de chefe, e, embora nem sempre conseguisse chegar a *Buck* com os dentes, ora rosnava uma veemente reprovação ora atirava judiciosamente o seu

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

